

040 - CIA ÉXCITON EM “AMAZÔNIA: ENTRE LIRISMO E LÁGRIMAS”

Natália Oliveira Bertolin (Instituto de Biociências, UNESP, Rio Claro), Cátia Mary Volp (Instituto de Biociências, UNESP, Rio Claro) - natiedani@hotmail.com, cmvolp@rc.unesp.br

Introdução: Cia. Éxciton, 1994-2007, grupo institucionalizado de dança apoiado pelo Instituto de Biociências e Pró-Reitoria de Extensão Universitária, produz espetáculos nos anos ímpares com a técnica de luz negra e, nos pares, com iluminação normal. Iniciado o ano letivo, o espetáculo anterior é apresentado aos calouros para divulgação, boas vindas, e convite para audição. Em 2006, “Amazônia: entre lirismo e lágrimas”, retratou a cultura e problemas regionais.

Objetivos: Verificar como o espetáculo foi estruturado pelos integrantes-coreógrafos.

Métodos: Questionário.

Resultados: Todos fizeram pesquisa em livros, meio digital e reportagens de TV. A lenda das “Amazonas” representou suas batalhas, objetos de luta, sensualidade ao tratar homens e seus ideais. A música associada a movimentos fortes, saltos, passagens pelo chão, expressão de raiva, agilidade e garra, movimentos sensuais e eróticos, mostrando o poder. A lenda Tamba-Tajá, não muito difundida, apresentou movimentos da percepção da coreógrafa que fluíram intuitivamente. A lenda do boto mostrou festas tradicionais, danças típicas, o ataque às moças virgens e a concepção da vida. A lenda da Cobra Grande apresentou movimentos sinuosos e o encontro de dois seres, envolvendo os integrantes em trechos de improviso individual. As lendas indígenas do guaraná, vitória régia e mandioca personificaram bailarinos em elementos da natureza, ressaltando a importância do cuidado com ela. O tema águas, apresentado em sapateado, decorreu da pesquisa sobre os rios Negro e Solimões. A festa de Parintins, os bois Garantido e Caprichoso, suas disputas, diferenças e semelhanças foi escolhida pela alegria, devoção do povo, cores, músicas, vestuário e apresentada com movimentos representativos dos bois em duelo, comandado pelas Cunhaporãs. O desmatamento combinou movimentos harmoniosos, tristes, de abandono e morte, para conscientização. A aculturação indígena foi tema que inicialmente mostrou a cultura indígena, o contato com os brancos e finalmente, uma analogia da nossa aculturação em função da globalização. Grileiros e castanheiros foram apresentados com mensagem forte, movimentos oscilando entre fortes e leves. A coreografia sobre as terras, o “massacre Eldorado dos Carajás” contra o MST em 1996, a questão indígena, situação dos trabalhadores de Serra Pelada, garimpeiros, seringueiros, mineradores e exploração humana. A música “Zóim do meu amor” com movimentos simples e contraídos, demonstrava dor. A fita na boca representou o silêncio forçado. As ribeirinhas, alegres, crentes na vida, foram apresentadas com movimentos rápidos e expansivos. Ao término a separação de casais quando o homem vai à Serra Pelada, onde há violência. Todos se mostraram satisfeitos com o espetáculo que resultou interessante, rico e belo.